

ENSAIO

O cavalo no Rio Grande do Norte

Gustavo Sobral

Gustavo Sobral é jornalista e escritor. Autor e organizador de diversos livros e textos, todos eles reunidos na sua página pessoal, www.gustavosobral.com.br. Ensaísta, depõe o seu olhar sobre diversos temas da cultura local. Já escreveu sobre arquitetura, um bairro da cidade, os cronistas da cidade, e agora observa o cavalo.

O Brasil possui o maior rebanho de equinos do mundo. O cavalo está presente em todas as regiões do país, sobretudo, onde a criação de gado e as lavouras cresceram e se desenvolveram. Com o emprego da mecanização no campo, não chegou a perder a sua relevância de todo, pois é certo que o custo elevado dos tratores e equipamentos e a pequena propriedade não dispensaram o seu emprego. O cavalo ainda leva o homem e transporta carga e também passa a ser utilizado nas atividade

de lazer, como as cavalgadas; e esporte, com hipismo, enduro, provas de marcha. No Rio Grande do Norte, o primeiro registro esportivo foi em Natal, no que futuramente seriam os bairros elegantes de Tirol e Petrópolis.

É certo que já se praticava na Ribeira, no final do século XIX, no meio da rua Silva Jardim, as corridas de cavalo. Mas com sociedade firmada a Sport Club Natalense só em 1907. Estatutos e o espaço próprio para a prática foi conquistado junto a Intendência Municipal. E a sociedade tinha por objetivo “(...)diversão e jogos esportivos, a promover, por meio de corridas, o desenvolvimento e melhoramento da raça cavalar, procurando estimular os criadores, facilitando-lhes os meios de melhor conhecer a criação, educação, alimentação e cruzamento das raças” (jornal *A República*, 21 de janeiro de 1907, informação em *A nova história de Natal*, 2001, de Itamar de Souza). A pista ao lado da praça Pedro Velho entre as avenidas Prudente de Moraes e Campos Sales e, além disso, arquibancada, casa de apostas e tudo que tinha direito. Mas a vida foi curta, em 1911 já não havia mais nada.

O cavalo, assim, além de ser animal de fazenda, chácara, granja, conquistou criatório próprio que é o haras. Haras são considerados os criatórios que possuem éguas, garanhão, posto de monta, cocheiras e área para pastagem dos animais. Além de esporte, locomoção e trabalho, a criação de cavalo se presta a outros usos. O consumo da carne é comum em alguns países estrangeiros e até no Brasil, embora aqui não seja habitual, nem difundido. O Brasil chega a ser exportador da carne que é muito utilizada na salsicharia. É a carne do cavalo que confere cor ao embutido. Iguaria de preço mais elevado comparada à carne bovina, caprina e suína, porque seu custo de produção é maior. O mesmo acontece com o leite. Apreciado pelo baixo teor de gordura, comum é seu consumo em outras terras, outros países, mas produção é inferior a bovina, o que eleva o preço.

O cavalo, ensina a ciência, é animal da família equidae, subfamília equinae; gênero equs. Seu nome científico é *E. caballus*. Enquanto o jumento é o *E. asinus* e o muar o *E. mularius*. Os árabes criaram a primeira raça de utilidade doméstica a partir de cruzamento e treinamento do animal. Já o jumento foi utilizado antes do cavalo e isso aconteceu na Ásia. Há pinturas no Egito de 2.000 a.C que retratam o processo de ensinamento e adestramento.

E no que difere o cavalo do jumento? Professor Torres no livro *Criação do cavalo e de outros equinos* (1987) responde assim: o jumento apresenta de vantagem suportar melhor altas temperaturas, ser menos impaciente que o cavalo, aguentar esforço prolongado e ser resistente a doenças. Também come menos e vive mais. Mas o cavalo também tem suas vantagens. Reproduz mais, é mais pesado e assim melhor para tração, é mais veloz e pacífico na cocheira. E as diferenças também são outras: o cavalo tem maior porte, orelhas curtas e finas, tem pescoço longo e crina longa.

No Brasil, os primeiros cavalos desceram nas caravelas com os donatários das capitânicas hereditárias. O tipo de cavalo que veio de Portugal era o Barbo e que chegou lá levado pelas rédeas dos árabes. É este cavalo o pai do cavalo nordestino. O Andaluz foi outro que andou de navio e que foi definitivo nas raças que aqui se desenvolveram, quais sejam: Mangalarga, Campolina e Crioula. É certo que o Árabe, o Puro Sangue Inglês e outras raças estrangeiras puras aqui também não se deixou de ter criatório. Mas raças aqui se fizeram. Portanto, no Brasil, convivem nos cercados: Mangalarga Marchador e Paulista, Campolina, Crioulo, Piquira, Inglesa, Árabe, o cavalo Bretão e até o Pônei e algum mais que não haja sido mencionado.

A história do cavalo no Rio Grande do Norte não difere da história do cavalo em qualquer outro lugar: o uso. A necessidade de um animal para conduzir e apagar o gado na mata e para viagens e não havia outros fins. No Brasil, chegou vindo da Europa, pelos portugueses, então vem das raças que lá havia. E assim começa a conversa sobre a montaria no Brasil colônia que ganha um capítulo especial para esta história em 1750 quando, lá em Minas Gerais, um mercador começa selecionar os melhores animais de marcha. E outro não foi o caminho que procurar bons animais de sela com bom passo para uso nas viagens e lida nas fazendas.

Um século anda nesta história e lá por volta de 1812, com a família Real já instalada no Brasil, o barão de Alfenas ganha um ganhão português da raça Alter Real e passa a cruzar com as éguas, naturalmente selecionando os melhores animais que saíam. Assim, aparece o marchador que ganhou fama numa fazenda chamada Mangalarga. Marchador por causa da andadura que se marca por dois tipos de marcha: a batida, uma mão no ar e três no solo; e a picada: duas no ar, duas no solo. Agora ficou completo o seu nome. A história desta raça que nasce no sul de Minas

Gerais é a história de suas fazendas. O animal começa a conquistar o terreno se espalhando por todo o Brasil, hoje presente em todos os estados e com a instituição de uma associação brasileira de criadores fundada em 1949, e com os núcleos estaduais. Finalmente, em 2014, é reconhecida como raça nacional por lei federal.

A raça passa a conviver com outras de renome como quarto-de-milha utilizado em vaquejadas e o cavalo do sertão. No Rio Grande do Norte, de cavalo, é o que se pode dizer. E do Mangalarga, que talvez só rivalize com o bom andar de uma burra de sela, numa impossível comparação, mas é certo que o homem sempre procurou um animal de bom passo para ter o conforto nas grandes e pequenas viagens, assim fez bem notar o escritor português Alexandre Herculano que até os reis de Portugal nas grandes viagens não viajavam nos cavalos garbosos, mas preferiam uma boa burra de sela. Imperial foi sempre a necessidade do conforto. E diferente, já no Brasil, não fez o primeiro imperador, Pedro I, mas infelizmente não se sabe se escolheu o Mangalarga por montaria, foi num belo alazão que apareceu montado às margens do Ipiranga e soltou o grito da independência. Prova que o animal é testemunha de muita história...

Magalarga é uma raça que já se espalha pelo mundo com criatório no Estados Unidos e na Europa. O surgimento da raça é mesmo uma longa história num par de séculos, mas que começa por volta do final do XVIII e começo XIX. O sul de Minas fornecia suprimento a Corte Real instalada no Rio de Janeiro e os mercadores traçaram toda a distância entre os dois centros levando mercadorias e a produção das fazendas mineiras e assim se fez o cavalo, seja animal de montaria, transporte, tangendo o gado.

Um papel importante nesta história do cavalo brasileiro e para o surgimento da Mangalarga é a coudelaria portuguesa, instalada no Alentejo, lá em Portugal. Lá no século XVIII, exatamente em 1751, o rei da época Dom João V, fundou a coudelaria de Alter de onde saiu o cavalo Alter, ancestral do Mangalarga. O Alter por sua vez já vem da raça espanhola Andaluza, que vem dos cavalos nativos daquele mundo dali de Portugal e Espanha e também dos cavalos germânicos berberes.

É tudo uma mistura e o resultado de todo este cruzamento que se passou em séculos e séculos foi cair num cavalo de porte, postura, docilidade e para montaria

não havia melhor. Um fator que serve para moldar a raça Alter foi a região exigir um animal que desse conta de percorrer as pastagens, o que permitia ao bicho desenvolver resistência e força, e todo um manejo apropriado ao desenvolvimento da raça. Faziam o seguinte: criavam os animais no pasto agrupados em manadas, completavam a alimentação com feno, palha e grãos. As éguas pariam ano sim, ano não, assim o amamentamento das crias não era interrompido e o potrinho crescia forte.

Também se preocupavam com a seleção das matrizes e assim foram aperfeiçoando. Os cavalos também passavam por adestramento. No Brasil, a história deles começa longe na colônia e continua até e depois da chegada da Família Real Portuguesa, em 1808, fugindo de Napoleão Bonaparte e escoltada pelos ingleses. Na mudança trazendo exemplares da raça que vão bater em Minas por presente ao barão de Alfenas que cuidou de cruzá-los com suas éguas de campo. Uma parte da raça começa a nascer aí e continua com os sucessivos cruzamentos e a própria seleção dos animais de melhor andar nas fazendas. Ficaram os animais cuja seleção natural fez os melhores adaptados ao que era preciso. E foi em Minas, centro desenvolvido que vivera o apogeu da extração de ouro e preciosidades no Brasil colônia, na região de intensa mercancia pelos cacheiros e mercantes, sedimentando caminhos de estradas para a corte no Rio de Janeiro.

Coisa que vinha do tempo dos bandeirantes. Estes muito sofreram porque no seu tempo de mata fechada tudo era percorrido a pé, como faziam os índios; ou de canoa, quando havia o rio. Não tinha como usar o cavalo a não ser que fosse nas fazendas em terra não mais de floresta e traçada de caminhos pelas fazendas, vilas e povoados do litoral. Desde o princípio, o cavalo foi o elemento necessário. Embora seja preciso fazer justiça ao burro que transportava carga subindo e descendo aquelas serras, sobretudo, no período do inverno, com as enchentes, o dismantelo dos caminhos e estradas, o lamaceiro. Caio Prado Jr no livro *Formação do Brasil contemporâneo* fara este juízo certo do emprego do burro como veículo de expansão do comércio. Para a topografia mineira de altos e baixos era o animal resistente e bom de sela cuja andadura não maltratasse o cavaleiro o que era preciso tanto para as longas viagens, quanto para as infinitas atividades diárias de pastoreio na fazenda, visita a cercados, etc.

Mas esta é a história mineira de como o cavalo cresceu e se usou por lá. No Rio Grande do Norte, o cavalo foi essencialmente empregado nas fazendas de gado do interior onde o gado crescia solto na mata, sem cercas ou limites de propriedade a não ser o ferro do dono que identificava a sua origem. O cavalo já era realidade no Rio Grande do Norte no final do século XVI, por volta de 1596, 1597, quando Mascarenhas Homem recebeu ordem para ocupar por aqui e vieram as tropas de homens e índios, não só nos caravelões e navios, mas a pé e a cavalo. Antes dele, João de Barros que era o donatário e mandou os filhos e uma expedição para ocupar a terra em cinco naus, cinco caravelas, novecentos homens e cem cavalos. Índio não montava a cavalo, andava léguas e léguas a pé, houve uma história de um bravo guerreiro que saía do sertão e vinha ao litoral só apanhar uns bons cajus para se regalar e depois pegava o caminho de volta para a sua taba.

História também é lenda. Que cavalos eram estes, se sofreram nas guerras, combates ao pirata francês, e na guerra com os índios, não se sabe. Nem por onde pastavam, se havia cercado. A história, até onde se sabe, não registrou. O cavalo aparece anônimo e coadjuvante do boi nas fazendas, no sertão, referendado aqui e acolá como montaria do vaqueiro, mas sem definição do seu tipo. Mesmo é a história do jumento. Em Cascudo há uma nota: “os muares apareceram depois de 1845 e nalguns pontos posteriores a 1880”. (*História do Rio Grande do Norte*, 1955, p.119). Porque antes disso, por volta de 1760, era proibido por lei.

Depois a coisa mudou. Em 1835, uma lei da província, a 20, de 26 de março daquele ano, proibia criar perto de área de agricultura bicho solto, fosse vaca, cabra, ovelha e até cavalo e era preciso pagar dízimo, pelo poldro se pagava o valor de dez mil reis à vista ao coletor. Hélio Galvão revirando o inventários antigos do século XVIII (*Velhas Heranças*, revista Bando, agosto-setembro de 1951) anota que um cavalo de raça de estrebaria andador valia 40\$000; um para serviço do campo, 14\$000. E já havia muito animal criado pelos abastados. O importante André de Albuquerque Maranhão deixou à viúva e herdeiros dentre toda a sua riqueza vinte cavalos de fábrica a 200\$00, cinquenta éguas parideiras a 350\$000 e doze potros a 48\$000.

O cavalo era coisa útil e de valor. Seu dono sempre dispensou muito apeço e apego ao bicho. Contam-se muitas histórias que não estão na história como o de certo cidadão em Ceará-Mirim da família Sobral que não vendia seu cavalo de

estimação por preço nenhum. Um dia, resolvendo vender, apreçou por cima para desencorajar comprador. Como era animal de sela excelente teve quem ofereceu pagar o preço. Embora tenha recebido ofertas irrecusáveis para pagamento a vista, mas com certo desconto, preferiu vender parcelado pelo montante pedido. Não contava que só iria receber a primeira parcela e as outras nunca mais. A transação acabou em mau negócio. Antes tivesse vendido a vista por preço menor que o pedido. Mas não perdia a piada: posso não ter recebido, mas vendi caro!

O cavalo fez o sertão junto ao gado. Os ferros, segundo o sertanólogo Oswaldo Lamartine, indicavam não só a região a que pertenciam, mas a identidade do seu dono. Também o burro foi ficando por ali quase sem emprego certo. Até que Manoel Dantas registra que foi a seca quem lhe deu função. O homem ao fugir para o litoral vendo tudo perdido sem ter o que fazer montou no burro e viu que ele era resistente e andador e capaz de lhe levar para longe dali. O mesmo Manoel Dantas quem afirma que foi preciso aprender a conviver com a seca para o sertão não ficasse deserto de gente.

E assim em torno do gado se fez a região e muitos dos nomes das vilas, depois cidades e hoje municípios que surgiram. Manoel Dantas dá conta de que o município de Parelhas nasceu em razão dos moradores quando riscavam na estrada do Boqueirão emparelharem os cavalos em disparada. Pau dos Ferros, por sua vez, vem da velha Oiticica, onde, à sua sombra, descansavam cavaleiros e os ferros de gado, por isso o pau dos ferros. Currais Novos nem se precisa dizer, eram os currais novos do capitão Galvão. Tudo anotado em artigos que publicou pelo jornal *A República* no começo do século XX e depois reunidos no livro *Homens d'Outrora*.

A seca primeira e grande registrada, que espantou o povo do sertão, foi na era dos 1700, por volta do fim dele, parece que em 1790. É preciso que se conte a história do Rio Grande do Norte um pouco: capitania hereditária entregue a João de Barros ficou quieta e sem ocupação porque os índios tacaram flechas nos portugueses que vieram para povoar. Os ditos filhos do donatário, e foi no rio Ceará-Mirim, contam os historiadores e os documentos. Ai, em Natal, fizeram o forte dos Reis Magos, expulsaram os franceses, vieram os holandeses e ficaram, depois expulsaram, e timidamente começaram engenhos de açúcar e criação de gado no que era a província

do Rio Grande. Natal era a sede, mas não tinha nada. Os viajantes que passavam diziam: aquilo ali é um areal com uma dúzia de casas.

Colonos portugueses, chamados marinheiros, foram instalar fazendas de gado no sertão e depois plantar algodão. Para tanger o gado, o vaqueiro, para levar o vaqueiro, o cavalo. Assim nasceu um tempo que a história batizou de ciclo do couro. Em que o gado, o vaqueiro e o cavalo formavam uma trindade. Todo um comércio de carne seca e venda de gado fez o sertão do Rio Grande do Norte em compra e venda com Pernambuco, Paraíba e Ceará. O vaqueiro era o caboclo que vestia chapéu e a roupa de couro, carregava um farnel com rapadura, carne seca e farinha e se embrenhava na mata caçando boi brabo, vaca perdida e procurando as crias.

O cavalo, meio de transporte e instrumento de trabalho. E assim foram décadas, e assim foram séculos, até os anos 1930, quando já existia trem, automóvel, vapor, bonde (os primeiros a tração animal, puxados a burro) e o cavalo impassível continuava como meio de transporte particular. Doutor Paulo Sobral (1905-1991), médico, formado pela Bahia (1933), quando conseguiu o primeiro emprego foi clinicar em Minas Gerais, Alto do Rio Doce, e o seu primeiro instrumento de trabalho foi um cavalo. Assim outro médico também fazia atendimento, chegando aos lugares mais distantes, povoados, fazendas, um tal de João Guimarães Rosa que seria o grande romancista brasileiro autor de *Grande Sertão Veredas*, mas esta é outra história.

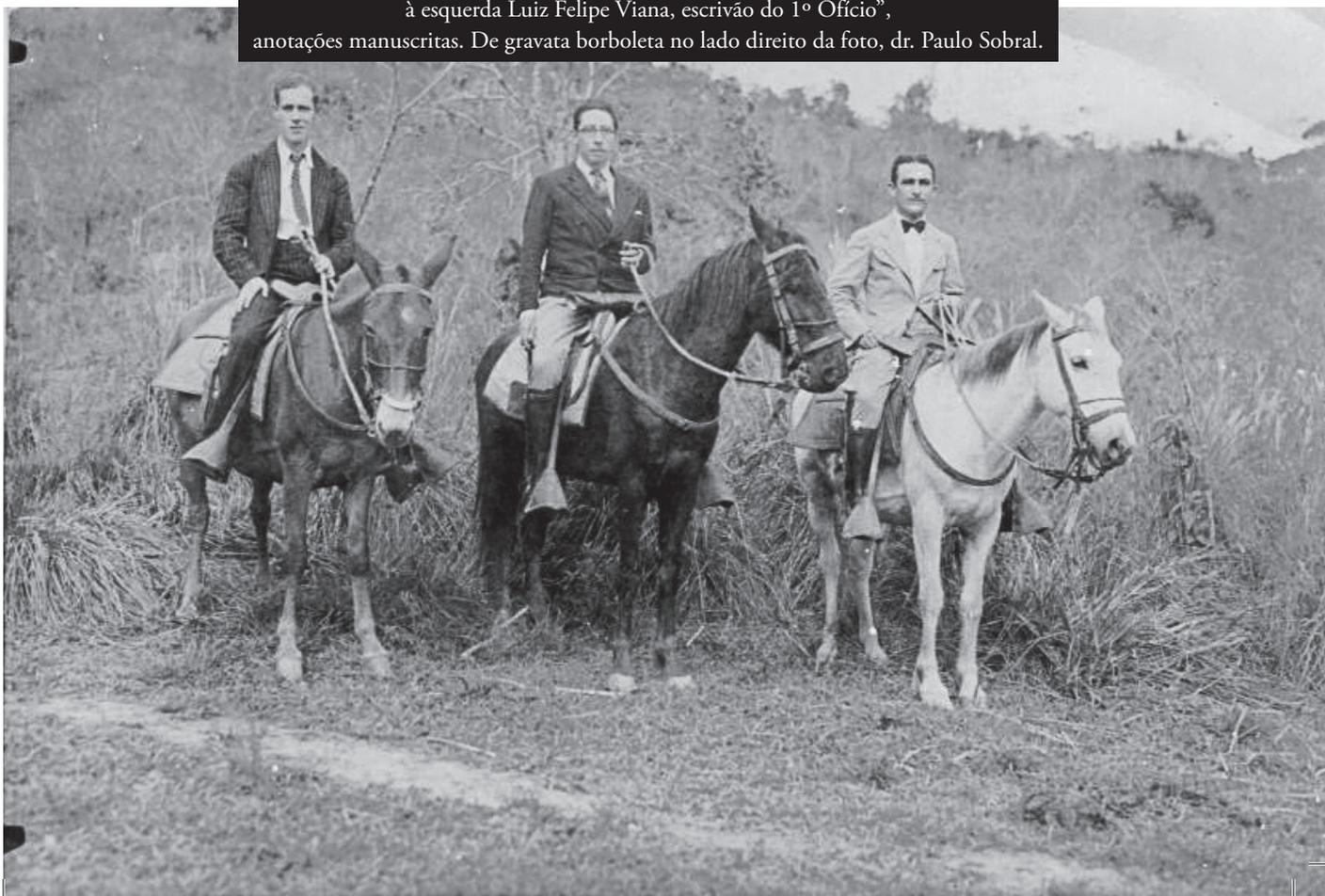
Cascudo quando viajou ao sertão do Rio Grande do Norte nos anos 1930 já foi de Ford, canoa, trem e até hidroavião. Mas muitas vezes teve de recorrer ao cavalo, aonde o automóvel não chegava e foi “galopando a cavalo, apostando velocidade nas retas areentas, enquanto o Ford empacara, atolado” (*Viajando o sertão*, p.17). E assim o cavalo foi útil a todo uso.

Depois o tempo mudou e de meio de transporte o cavalo passou a ser transportado. Se o homem passou para o automóvel, o cavalo começou a andar de caminhão. Lá nos idos de 1950, o cronista da cidade (Natal), Newton Navarro, entediado, contando notícias do pianista Oriano de Almeida em Paris, viu um cavalo passar de caminhão pelas ruas de Natal. Eis a cena da crônica, parece que o cavalo no caminhão indignou o poeta:

Agora chega a minha vez de suspirar fundo. Ah! A primavera de Paris... Olho a rua procurando descanso, mas o que vejo desanima ainda mais: passa um cavalo num caminhão, por mais estranho que vos pareça. Passa faceiro e atrevido (tudo tão Brasil), ostentando seus músculos, sua crina brilhante e bem no meio da rua sem a menor cerimônia solta mavioso rinchos. E há de intimamente estar satisfeito, e com a razão, pois já, é alguma coisa para um cavalo andar de caminhão e cumprimentar o povo com rinchos maviosos.

Deus vos guarde e conserve Oriano, dentro da primavera de Paris. Enquanto aqui ficamos conformados com a sorte; enquanto tantos cavalos passeiam de automóvel pelas ruas... (*Oriano da primavera, Tribuna do Norte*, domingo, 23 de julho de 1950, p.3).

“Minas Gerais, em Alto do Rio Doce, 4 de novembro de 1934.
Ao centro, dr. Ernesto de Barros Falcão de Lacerda, juiz de Direito,
à esquerda Luiz Felipe Viana, escrivão do 1º Ofício”,
anotações manuscritas. De gravata borboleta no lado direito da foto, dr. Paulo Sobral.



O cavalo foi símbolo do atraso que se vivia, o jovem deputado Cortez Pereira (era 1951) foi saudado pelo deputado federal José Bezerra em discurso efusivo que dizia (entre mais tanta coisa que se fala em discurso, democracia, problemas do Estado) da questão do transporte e saiu-se assim: “O Brasil evoluiu paulatinamente e se não é aquilo que desejamos que é o ideal, forçoso é confessar que muito progresso se assinalou. Comparemos o nosso Estado de hoje com o de 1901: vinha-se de sua cidade, o Caicó à capital em seis dias e a cavalo, hoje rapidamente em poucas horas dali alcançamos Natal em automóvel e em poucos minutos de avião”. (*Saudado S. excia. Pelo dep. Cortêz Pereira em nome do legislativo, Tribuna do Norte*, quarta-feira, 03 de outubro de 1951, p.4)

Seu emprego nas fazendas funcionava basicamente para tratar com gado e nas longas viagens como dito. O governador do Rio Grande do Norte nas eras dos anos 1920, Juvenal Lamartine de Faria, costumava sair lá de sua terra, Serra Negra, sertão do Estado, em viagem à capital montado no animal dele e assim uma cavalgada dessa comia não sei quantos dias. E antes dele, no século passado, tempo dos mil e oitocentos, cego da vista, Tomaz de Araújo Pereira veio assumir o governo provisório da província, descendo dias de viagem de sua terra, Caicó, até Natal montado no seu cavalo. Não eram só os homens que eram bravos, seus cavalos também aguentavam o tranco. E cangaceiro fez muito mal feito e escapou de aperreio no espinhaço de um deles. Vale a pena espiar o roteiro da viagem do velho Juvenal Lamartine, naqueles idos, de Acari para Natal:

A viagem de Acari para Natal era feita a cavalo, em intervalos regulares de pousadas já tradicionais no meu tempo. O burro (mulo) era a montada preferida da época. Em companhia de um almocreve, a quem competia cuidar dos animais e da bagagem, fazia-se uma madrugadinha no Acari, dividindo o itinerário em etapas de meio-dia:

- a. ½ dia Acari – Currais Novos. Pousa na casa do Major Sérvulo Pires (...)
- b. ½: C. Novos – Fz. São Luis, propriedade de Dona Marica Pegado, viúva de Manoel Pegado Cortês e situada ainda no município de Currais Novos, ao pé da Serra do Doutor.

- c. ½ dia: Fz. São Luis – Serra do Doutor. Arranchava-se na fazenda do velho João da Mata – município de Santa Cruz
- d. ½ dia: Fz. João da Mata – Fz. Inharé, propriedade de Antonio Patricio, município de Santa Cruz.
- e. ½ dia: Fz. Inharé – Caiada de Baixo. Pousou na casa do velho Francisco da Costa, comerciante (...)
- f. ½ dia: Caiada de Baixo – Lagoa dos Cavalos; Fazenda Cajazeiras, propriedade do velho Antonio Serafim.
- g. ½ dia: Lagoa dos Cavalos – Várzea (proximidades de Macaíba) residência da Sra. Canuta e progenitora de João Seridó.
- h. ½ dia: Várzea – Macaíba. De acordo com o horário da lancha, em Macaíba tomava-se o hotel da velha Sinhorinha, junto ao cais. O percurso de Macaíba-Natal era feito em, aproximadamente, duas horas, na lancha do mestre Antonio (informação de José Augusto Bezerra de Medeiros in: *Velhos costumes do meu sertão*, 2006, p.54-55)

Juvenal Lamartine, homem do sertão, político, dando conta dos velhos costumes do sertão escreve que nas fazendas se fazia uma cocheira para abrigar os cavalos de sela, animal que servia para o fazendeiro montar e correr as terras, sair para visitas e ir à rua (como se dizia ir à cidade), sobretudo, nas festas, cujas principais eram três: da padroeira, natal e fim de ano. Cascudo é outro que em *Tradições da pecuária nordestina* (1956) anota este uso do cavalo de estada, assim por se estribaria, como ir e vir do fazendeiro e uma lição que vem dos antigos séculos passados e lá de Portugal e cabe hoje diariamente no século XXI: ninguém monta em cavalo sem a permissão do dono.

As mulheres também montavam, mas tinham sela apropriada (sertaneja) chamada silhão e assim a sela tem um gancho do lado direito e ela sentava do lado esquerdo e tinha aquilo para segurar, mas antes disso, muito antes disso, iam elas numas andilhas, espécie de caixote de madeira, mas que por não ser cômodo, parece que o jeito foi que as aposentaram do uso. Estes silhões, conta Juvenal Lamartine, eram forrados de camurça, adornados com fivela de prata e cabia ao escravo manter

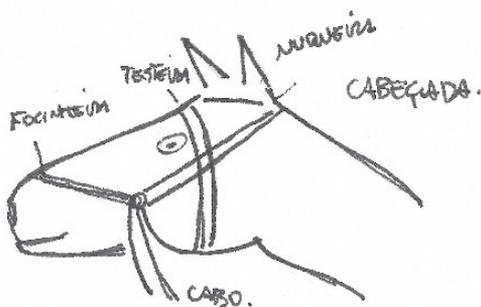
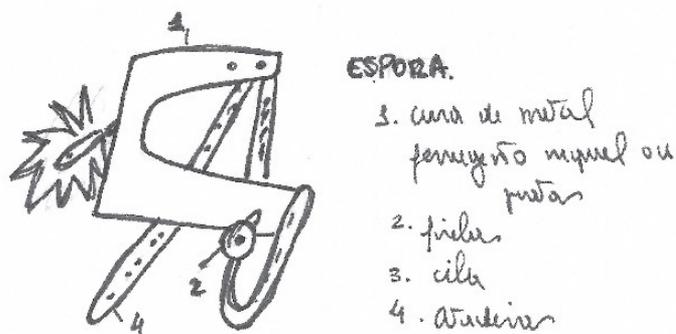
tudo em ordem. Os arreios por sua vez, por serem de prata, não ficavam no quarta das selas, mas iam se guardar dentro da casa grande. Do silhão, as mulheres só saiam para andar nas liteiras quando ficavam mais velhas e assim não perderem de ir à rua participar dos festejos.

Fazia boa fita ter bons arreios, coisa da boa, e as montarias fornidas e luzidias no pelo, era o costume de mostrar a bonança. O luxo se fazia nas esporas, nas fivelas, e arreios de prata e até na prata do cabo da chibata. Guardo aqui em casa uma com cabo de prata que pertenceu ao senhor de engenho e coronel da guarda estadual João Xavier Pereira Sobral, herança de família, porque era meu bisavô. João Xavier era bom de montaria e mesmo que andava puxando de uma perna nunca deixou de montar o seu alazão, mesmo assim testemunhou João Oleiro, sessenta e cinco anos depois do velho morto (morreu o velho em 1938), que ele saía assim pra missa montado até o dia que se finou. Os mais elegantes ainda faziam fausto na bota de couro da Rússia.

E a coisa era tão séria que no sertão antigo era mais honroso andar a pé que montar cavalo magro. A cena de Juvenal Lamartine é bonita, cabe transcrever, o homem e sua montaria num exercício de elegância: “orgulhosos em manejarem rédeas de fogosos e esquipadores cavalos que passeavam em parelhas pelas ruas, numa disputa e exibição de homem e animal, até que das montadas ofegantes com cacho de espuma saindo da boca, estafaram à sombra de uma árvore ou alpendre para gavarem e serem gavados” (*Velhos costumes do meu sertão*, 2006, p.30). Também havia outros costumes. O uso da espora era só do fazendeiro e proibido ao vaqueiro e ao menino que só podia vestir uma.

No que se fala da montaria, primeiro o homem montou o cavalo sem nada, depois arrumou umas esteiras e uns couros para sentar em cima e daí foram nascendo as selas. Há de se imaginar que os portugueses trouxeram os bois para aqui criar e os cavalos vieram junto para o serviço e com isso tudo vieram as primeiras selas que chamavam gineta, palavra de origem espanhola, e foram tomar o modelo dos mouros que montavam cavalos árabes, só foi depois (para mais de 1500 e tanto) que chegaram a brida, o estribo longo e a rédea simples.

Num inventário antigo, anotou Hélio Galvão (*Velhas heranças*, revista Bando, agosto- setembro de 1951) das selas: uma gineta de estribo curto valia mais que uma lastarda. E uma sela velha de gineta era 3\$000 e duas lastardas velhas foram avaliadas em 7\$000 e por esse preço porque tinham estribo de prata e estanho. As esporas, assim como os estribos, de ferro, metal, níquel, ou prata, a riqueza de cada um que dizia o material de uso. A engenharia da espora é esta, conforme o desenho copiado de Oswaldo Lamartine com a composição das partes (tirado do *Encouramentos e arreios do vaqueiro do Seridó*):





FREIO DE BUIDÃO
PARA DUAS
REDEAS



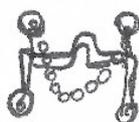
COM
BOCAL
CURVO



DOIS PARES DE
REDEA
PARA DOMA



BUIDÃO
ARTIGULADO



FREIO
DE BUIDÃO

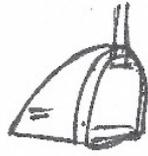
Já as selas não eram e nunca foram coisa barata. Num comparativo, seu preço chegava ao valor de uma vaca parideira e até do cavalo. Seu fazer envolvia o trabalho de mestres sabidos no assunto que tinham fama de serem bons artesãos instalados principalmente no sertão do Seridó. A sela de uso comum tida por sela de roladeira veio para substituir a gineta que os portugueses trouxeram, por ser mais adequada ao que se precisava. Passou a reinar e já nos fins de 1800. Também passou a se fazer uma mais para passeio ou viagem, porque acolchoada, essa chamada de “suzana”, própria para os cavalos de estada (os animais da estribaria próxima a casa grande). No capítulo das selas (ainda é Oswaldo o melhor socorro para falar do assunto):

Muito tempo depois é que parece ter aparecido a roladeira. O trabalho dos vaqueiros nas pegas dos barbatões, internando-se em carreira desbalada no espinho da caatinga, careia de maior proteção e firmeza na sela. E quem sabe daí não tenha

surgido a lembrança de um seleiro mais astucioso de inventar burranhas na frente e atrás. Também pode a roladeira ter sido trazida de outras terras e por ser mais vantajosa para os trabalhos de campo daquele saartão da terra – ter caído no goto dos vaqueiros seridoenses. A informação mais antiga sobre ela nos foi dada por Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956) e dizia que: ‘... as primeiras roladeiras fabricadas pelo mestre Florentino e depois por Cazé, no Caicó, datam de mais ou menos 1890 e substituíram as ginetas’.

Seleiros afamados deixaram nome na memória dos criadores: mestre Florentino, Cazé e depois Antonio Italiano fizeram escola no Caicó dos nossos antepassados. Mais recentemente, o artesanato passando de pai para filho na família de Enéias do Logradouro (hoje nas mãos de Nilo, filho de mestre Almino) e Francisco Marinheiro (Sítio das Oiticicas), ambos nas ribeiras do Caicó. Assim, quem deseja uma sela de qualidade, ainda hoje faz encomenda em qualquer dessas tendas, ou lá para os lados de Caraúbas ou de Serrinha (mestre Possidônio) e até no Brejo da Cruz (PB) na tenda de Antonino. (*Encouramento e arreios do vaqueiro do Seridó. Natal*, 1969, p.37-38)

Completa ainda a montaria: a esteira (forro que fica entre o animal e a sela); a cilha ou “cia”, como o povo diz (correia de sola que prende o animal a sela pela barriga); o loro, que prende o estribo à sela; e o estribo; na cabeça: a cabeçada a que se prendem as rédeas uma por cima e outra por baixo da brida que vai na boca do animal e o cabresto que fica por baixo da cabeçada.



ESTRIBO
LOBERTO.



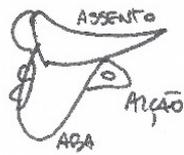
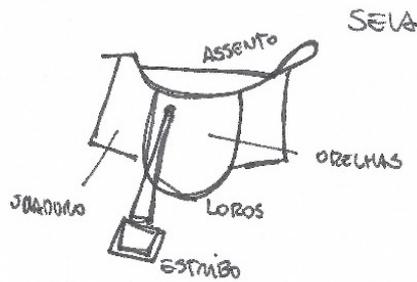
ESTRIBO
ABERTO



ESTRIBO
ABERTO



ESTRIBO
DE METAL.



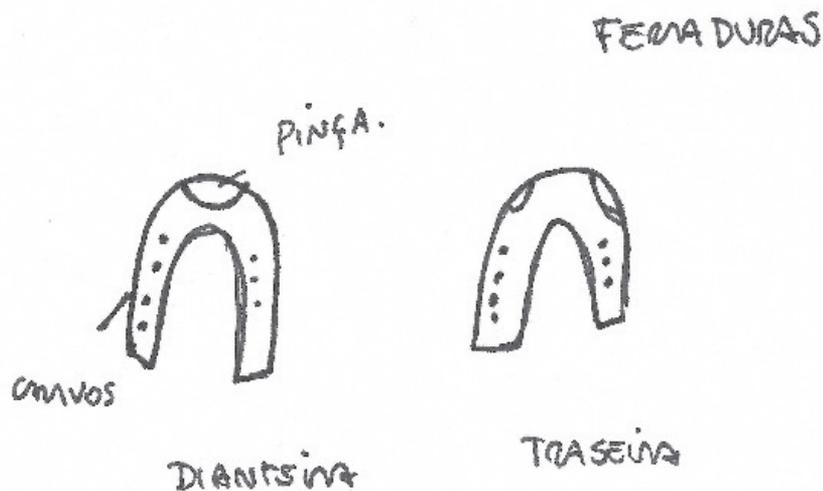
SELA INGLESA.



ITALIANA
(aba projetado
para frente)

Já o estribo tem que ser proporcional ao pé do cavaleiro. Se menor, o homem pode enganchar o pé. O acidente é feio. Se maior, pode ficar com o pé sambando, escorregar e até levar queda. Mesmo assim é a bota de bico fino a ideal, então estribo e bota devem fazer bom casamento. Facilita na hora de desmontar. Na escolha do estribo adverte-se: preferir o cromado ao niquelado que enferruja. Atentar para os loros serem do melhor couro, a cilha deve respeitar o cavalo para não ferir o animal.

Também se for usar ferradura, é preciso todo zelo e cuidado. O cavalo deve ser ferrado sempre que as ferraduras estiverem gastas. Primeiro, retirar a velha, removendo os grampos, aparar o casco, limar e aplicar a nova. Depois é testar o serviço, pondo o cavalo no trote e pelo cabresto para ver a andadura. Ferradura é coisa antiga. Os romanos já utilizavam para proteger os cascos do animal. Há diversos tipos, cada um deles apropriado para uma serventia. Também não são as mesmas as dianteiras e as traseiras, porque os cascos traseiros diferem dos dianteiros.

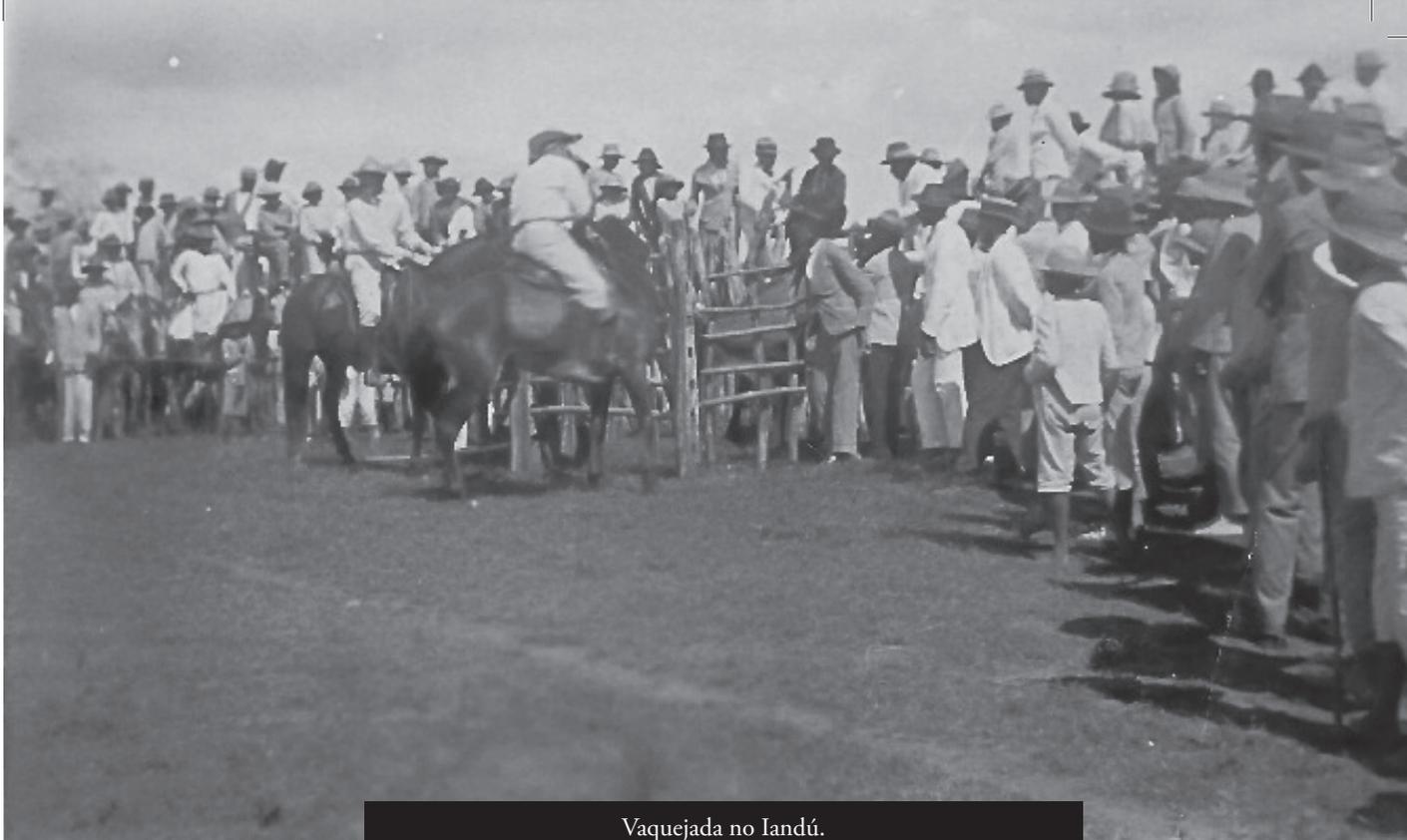


Sobre o cavalo, Oswaldo Lamartine, filho do velho Juvenal, quem diz: o homem primeiro domesticou o cachorro como companheiro de caça, depois que veio criar carneiro, porco, boi e cavalo. E isso começou sete mil anos antes de Cristo. O povo bárbaro da Europa nos antigamente comia carne de cavalo e bebia leite de jumenta. É ainda Oswaldo Lamartine quem diz: antes de se usar o cavalo para montar o homem usou para comer e aproveitando de um tudo, do couro e até do cabelo da crina para fazer trançado de corda. Negócio difícil era lidar com o animal no começo do inverno, porque refugava já o resto do capim seco e o pasto novo, e ainda novo, não há como servir se vim com ele junto na hora de comer, a terra. Ai não comem a ração de milho, porque os dentes ficam dormentes, ai fica sem sustança para lida.

Um estudo completo sobre este cavalo do sertão em uso nasce nas pesquisas do sertanólogo Oswaldo Lamartine de Faria (1919-2007) que para o cavalo dedicou um verbete no livro *Vocabulário do criatório norte-rio-grandense*. Oswaldo escreve sobre as coisas do sertão e do seu sertão do Seridó. E junto ao cavalo, nasce o vaqueiro, os currais, a pega do boi no mato, a vaquejada.

A contagem dos bezerros se faz na apanha e na festa da apartação para juntar o gado que corre solto, o intuito é separar o que é de cada dono. Na apartação se promove a vaquejada com derrubada dos animais. Seu tempo próprio é o inverno. O homem fala com o gado pelo aboio. Uma boiada não passa sem que escute do alto do cavalo o vaqueiro a aboiar: “ei boi”, “oi lá”. Também se aboia no mourão da porteira, esperando o gado entrar no curral. O aboio não é falado, sua entonação faz dele uma cantoria utilizada pelas tropas nas viagens ao centros de comércio onde seriam entregues ao abate. Um animal se espanta e lá toda a boiada corre em alarde. Imagine mais de duzentas cabeças de gado neste movimento. É um arranque danado. Outro sistema é a presença do boiadeiro que vai até a fazenda comprar as rezes e conduz ao marchand para o abate.

Vaquejada é festa. O sertanejo solto na caatinga, atravessando os espinhos, correndo atrás do boi. Esta ai a serventia da roupa de couro apropriada: proteger o vaqueiro de galhos e espinhos. O uso do curral foi que tornou desnecessário perseguir o gado no mato. Então a vaquejada se fez esporte. Acusava-se a derrubada do gado de crueldade quando o vaqueiro persegue vaca parida, novilha amojada e boi calejado. Seu tempo, junho em ano de internada, quando se juntavam as reses em



Vaquejada no Iandú.
Sertão do Rio Grande do Norte, 15 julho de 1929. Foto Paulo Sobral

curral único, reunindo os vaqueiros das redondezas para ferrar o gado e providenciar a separação das reses. Para tanto, era preciso buscar o gado no mato.

O evento revelava a destreza dos vaqueiros. O clima era de festa e no pátio da fazenda em meio a aplausos da vaqueirama. Só se derrubam os garrotes. Boi velho, bezerro e vaca parida merecem respeito. A arte consiste em dois participantes em carreira perseguirem a res, um puxa pelo rabo e o outro, chamado batedor de esteira, acompanha à esquerda para impedir que o animal saia da linha. Se derrubar, o vaqueiro é celebrado, caso contrário, vaia. Tudo em festa.

Também o cavaleiro é gente que se identifica só pelo jeito. Jacinto Canela de Ferro, pseudônimo do jornalista Eloy de Souza, em 1914, escrevendo sobre o compadre Jacinto Vieira, disse essa verdade: “não sei se já montou a cavalo alguma vez na vida, mas o todo é de quem nasceu e se criou no sertão e o jeito das pernas é de cavaleiro”. (*Cartas de um sertanejo*, p.18). O cavalo valia a andadura e as léguas que fazia num dia. Uma viagem a cavalo é o sabor do que conta o velho jornalista que

depois de avistar toda a propriedade, os pastos, os animais de criação e tudo, lhe mostraram o cavalo árabe que parece era o orgulho do coronel:

Depois da era de oitenta e cinco, nunca mais fui a Macaíba, apesar de ter recebido vários chamados de compadres e amigos meus. Sucedeu-me, agora, que me chegou em casa, sábado da semana passada um portador conduzindo um cavalo arreiado com baixada do Cel. Prudente pra me achar ali sem falta naquele dia. Manda quem pode e obedece quem serve. Quase sem perder tempo, vindo de quem veio o convite, montei a cavalo e dei rédeas em procura daquela cidade.

O cavalo era acima de meio e bem inteirado.

Quando ganhou a estada nem alto nem barroca o detinha subindo e descendo de marcha emendada puxando a rédea do animal tão aperfeiçoado e liberal só montei um que foi o do Cel. Ovídio, da Várzea do Assu.

Também rudado, apatacado e do mesmo tamanho e com os mesmos metal de marcha.

Antes de duas horas, eu tinha findo a jornada e andado quatro léguas e meia sem molestar-me nem sentir fracasso no quartau que ainda vinha se espantando com a própria sombra, virgem de cipoada ou esporada que lhe desse.

Essa foi a viagem, depois de ver tudo mostraram o cavalo Árabe:

O doutor também mostrou-me um cavalo árabe que custou quatro mil francos, fora as despesas da viagem.

É um animal bonito, sem falta, mas não serve pro fim que levou o Governo a comprá-lo por tanto dinheiro. Sertanejo quando apanha cavalo inteiro tão frio como ele não se dá ao trabalho de beneficiar, solta-o no dundo dos pastos sem receio de que venha apanhar mofo ou rengue.

Cavalo bom no sertão era que nem o que conquistou o velho cigano: “castanho escuro, ainda novo, bem feito e bem assinalado com todos os metais de marcha, urdigo à espora e ao chicote, tão bom de peito como ao longe, e tão maneiro na rédea que um menino governava só com o peso da mão (*Cartas de um sertanejo*, 1969, p.33-36).

Montar a cavalo era de todo essencial antigamente, pois era meio de locomoção. Quem ensinou bem ao jovem Eloy foi seu avô vaqueiro que vivia com as véstias de couro e parece que não apeava nunca. Além do manejo das rédeas aprendeu o essencial que é observar os indícios todos do bicho: da cauda à cabeça, da crina até a canela, do danado por inteiro. Mas quais eram os cavalos naqueles idos de 1890 e diante? Eloy de Souza conta que em Coité (hoje município de Macaíba) havia cavalo bom de marcha e contramarcha. Ter bons cavalos era artigo de luxo. Tinha gente como seu Eloy que não bebia, não fumava e nem jogava, mas soltava dinheiro para ter um bom animal de sela.

O animal tinha que ser um bom cavalo de sela e vistoso. O Argel por ter pé direito branco era de alto preço por ser boa montaria, embora muito se dissesse que pé branco puxava desgraça na superstição do povo. O pedrês, forte, embora lento, não havia melhor para levar canga; alazão tudo por de pouca resistência; “cacete”, era covarde na passagem de rio; careta, que tinha mancha branca no alto da testa até o focinho. E mais: os que tinham esporão nos machinhos (parte anterior da canela que se junta ao casco) era bom andadores “eram capazes de ir ao fim do mundo sem tropeços” (*Memórias*, 2008, p.62). A experiência fazia o homem conhecer o cavalo. Certa vez, numa viagem, Eloy de Souza cruzou com um vaqueiro experiente, que lhe disse:

Há muitos anos, indo de Macaíba para a nossa fazenda Jardim, entre Caracará e Riachuelo, ao passar por Juremal, lugarejo de quatro casas, hoje sede do município de São Paulo do Potengi, tomou-me a estrada um velho, baixo, barrigudo, com um chapéu de palha de carnaúba, de abas largas, protetoras do sol.

Quando parei o cavalo, disse-me ele sem mais aquela: – ‘O senhor não me conhece, mas meu pai foi amigo do seu avô Felix e eu sei quem o senhor é; por isso quero lhe dar um conselho. Bote esse cavalo no mato e lhe vou dizer porque. Cardão 19 vermelho e basta para ser ruim. É esquecido de uma mão. Não é só lerdo, mas sem vergonha. Esporeado e chicoteado, faz esperneios medonhos. Cinquenta braças adiante, já não se lembra mais do castigo e está precisando mais. Me desculpe, mas o senhor merece este meu aviso. Félix Pegado, seu criado’.

Agradei, mas despedi-me mal humorado. Naquele tempo, proclamar a alguém defeitos de cavalo que comia na minha estribaria capim escolhido e ração farta, era quase uma ofensa à minha dignidade. Verdade, porém, é que todas as informações do desconhecido desafiavam qualquer contestação. O velho adivinhava.

Passam-se alguns meses. Regressando do Tostado, passei novamente no Juremal e novamente surgiu-me na estrada o mesmo Félix, que me pedindo para esbarrar, conversou: – ‘Não conheço o Pedrês, mas lhe vou fazer o inventário’. Repuxou o couro lateral da cabeça e foi dizendo: – ‘Vinte e três anos feitos, lerdo como ele só, bom viajero, acuador. Tem tanta prática de cair que não fere os joelhos. Apara a queda com o focinho e, quando sai do terreiro alheio, solta os porretes mais estrondosos do mundo’.

Tudo era verdade. Quis então saber rapidamente onde quando tinha adquirido tanta experiência. A resposta veio pronta e foi esta: – ‘Passando toda a minha mocidade acompanhando compradores de cavalos nos Inhamuns e no Piauí. Conversava, ouvia e cheguei a uma certeza tal a respeito das qualidades dos cavalos amagotados nos currais, que mandava laçar uns ou outros conforme o comprador quisesse animal para carga, vaqueirice ou para sela’. (*Memórias*, 2008, p.62-63)

O aspecto do animal fala não só da sua integridade, mas de sua personalidade. Um cavalo é considerado bom quando não tem defeito; nem muito menos vício que pode variar, como morder, ser coiceiro, entre outros; e está perfeito de saúde, ou seja, enxergando bem, respirando bem, sem doença na pele ou movimento prejudicado. E tem a substância que é ter o desenvolvimento muscular e ósseo certo para a idade, as articulações para os movimentos, a forma e o tamanho, e não se espere que sejam todos iguais. Um cavalo de corrida tem padrão diferente de um cavalo de passeio. As pelagens também o identificam. O cavalo pode ser branco, alazão ou preto; ou ter pelagem composta como tordilho, rosilho e até conjugadas. O que estabelece a identidade do cavalo é, além da pelagem, o nome, a origem (raça), a idade, o tamanho e outros detalhes como defeito e vício.



CERVELHA E DORSO



CERVELHA BAIXA E DORSO DE BURDO



DORSO SELADO



DORSO MEGALMANTE



GARUPA DUPLA



SIMPLES



GARUPA HORIZONTAL



GARUPA INCLINADA



GARUPA OBLÍQUA



GARUPA PERFEITA

Os estudiosos avisam que o cavalo brasileiro é berbere e um pouco até misturado com outros. Conhecido também por barbo ou Norte Africano. O Berbere chegou a Portugal na mão do mouro que também levou o árabe e assim vieram com o português para o Brasil. Misturado com o Puro Sangue Inglês deu origem ao cavalo Guarapuava no Sul. Também se vê nele no Mangalarga Paulista. Além destes, o cavalo Pantaneiro, que se formou no Pantanal do Mato Grosso; há também o Campolina que guarda o nome do seu criador. Outro que não se pode deixar de mencionar, presente nas vaquejadas nordestinas, é o Quarto de Milha. Norte-americano de origem é o cavalo ágil que atinge melhor velocidade e, por isso, ideal para a prática esportiva. Além da corrida, tem o bom emprego no aparte de animais. Na formação da raça, há forte presença do Puro Sangue Inglês. Dizem que os holandeses também trouxeram seus cavalos de ascendência germânica e ficou um pouco do sangue no cavalo nacional.